

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *LIMITE BRANCO*, DE CAIO FERNANDO ABREU

Wésley William Alves de Oliveira¹

RESUMO:

O presente artigo visa entender como o protagonista da obra *Limite Branco*, de Caio Fernando Abreu, constrói sua identidade, a partir do campo social em que se inseri. Para tanto, será analisado a obra *Limite Branco*, de Caio Fernando Abreu, que sob aparatos teóricos de Bachelard (1993), Bosi (2003), Candau (2012), Hallbawchs (2006) e Ricoeur (2007) embasam a presente discussão. O romance demonstra traços memorialísticos a partir de lembranças traçadas por Maurício (protagonista) nos registros em forma de diário. Pela tessitura memorialística, o campo familiar é de grande evidencia. O personagem questiona sobre suas vivências na tentativa de entender sobre si mesmo para um melhor entendimento sobre seu “eu”. Durante tal processo, Maurício permanece indagando-se, contudo, o romance demonstra que tais suportes memorialísticos (o espaço da infância e o ambiente familiar) ajudaram-no numa melhor construção subjetiva a partir de lembranças que mantiveram Maurício em contato com seu “eu”. Constata-se que a identidade do personagem, ou seja, o que o tornou hoje enquanto sujeito social é formada por suas memórias e suas expectativas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: memória; Identidade; Limite Branco

ABSTRACT:

This article aims to understand how the main character of *Limite Branco*, by Caio Fernando Abreu, build his identity, from community which he is involved. Therefore, it will be analyzed *Limite Branco*, by Caio Fernando Abreu, which it is going to be based on theoretical scholars such as Bachelard (1993), Bosi (2003), Candau (2012), Hallbawchs (2006) e Ricoeur (2007) who helped in such discussion. The novel has memorilistic moments, spite of memories recognized by Mauricio (main character) in the files, organized as a diary. By the memorialistic construction, the familiar field is of great evidence. The character wonder about his experiences in trying to understand about himself for a better understanding of his self. During this process, Mauricio remains wonder himself, nevertheless the novel shows that such memorialistic basis (the place of his childhood and the family environment) helped him in a better subjective construction from his memories that kept Mauricio in contact with his self. It is observed that the identity of the character, thus, what made him as a social subject is formed by his memories and his future expectations.

KEYWORDS: Memory; Identity; Limite Branco

Introdução

A memória tornou-se um assunto em voga em nosso tempo. Muito dos esforços são na tentativa de não deixar os acontecimentos passados caíam no esquecimento, mas também na tentativa de entender o presente, a partir das lembranças. O resgate do passado, ou melhor, a

¹ Mestrando em Letras (Literatura) pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: wesley_oliveir@hotmail.com

ressignificação do passado vem sendo feita de forma paulatina a partir de percepções sociais, de grupos e lugares que vem ajudando no constructo memorialístico.

O presente artigo objetiva analisar a construção identitária do personagem-central (Maurício), da obra *Limite Branco*, de Caio Fernando Abreu, a partir de suas memórias

Em *Limite Branco*, seu romance de estreia, publicado primeiramente em 1970, Abreu (2014) completava dezenove anos, e narra às angustias e os questionamentos de Mauricio, que percebe, aos poucos, sua formação identitária, fruto de seus devaneios memorialísticos. O personagem se confunde com o próprio autor, tem dificuldade para entender o sentido da vida e para as descobertas dessa fase.

Caio Fernando Abreu é um escritor gaúcho com significativas produções bibliográficas. Produções essas que perpassam por diversas temáticas, como a ditadura militar brasileira, a homossexualidade e a memória. As produções memorialísticas estão presente em suas principais produções literárias, como *Morangos mofados* (1982), *Onde andarás Dulce Veiga?* (1990) e *Limite branco* (1970).

Algumas ideias foram desconstruídas para que o entendimento memorialístico seja mais bem apurado. Hoje, não se acredita na memória enquanto tábua rasa, em que as lembranças fluem de forma uniforme, sendo elas um conjunto emaranhados de recordações sem ordem temporal. A imaginação entra na construção memorialística, pois ambas (a imagem e a lembrança) partilham do mesmo destino, reconhecer o passado a partir de acontecimentos presentes e projeções futuras.

Através da memória e das lembranças trazidas ao presente, o relato mencionado ganha determinado caráter de veracidade. Segundo Ricoeur (2007, p. 61),

Certamente, dissemos e repetimos que a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro, a posição de um real anterior.

A passagem mostra que as lembranças vêm carregadas de imaginação, nesse caso, as lacunas presentes na memória são preenchidas pela subjetividade, ou melhor, pela “suspensão da realidade”. Contudo, o deslocamento do real não significa a não veracidade do acontecimento. O caráter de verdade, mencionado pelo autor, é exatamente confirmado pela “posição de um real anterior” que atrai um posicionamento de presente na memória. Refletindo que a memória é do passado, ou seja, a memória do passado permite a lembrança uma veracidade.

Outra ideia que sustenta a memória enquanto mecanismo de encontro com o passado são as buscas por identidades e a perda de referências por um grupo. Segundo Candau (2012, p.10) “a busca memorial é então considerada como uma resposta às identidades sofredoras e frágeis que permitiria apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível”. Na ideia de pós-modernidade, a identidade vem sendo trabalhada em um caráter de fluidez, ou seja, enquanto matéria líquida e mutável. A memória agrega a construção identitária no momento do resgate ao passado para um melhor entendimento de percepções presentes. Consonante Candau (2012, p.15) “o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente”.

Apesar das articulações que Candau (2012) faz entre memória e identidade, ele antecede como fenômenos distintos, mas que contribuem para a ampliação de ambos. Contudo, o autor articula a ideia de que a memória é anterior a identidade, logo, esta primeira, torna-se uma faculdade da vida humana, pois está presente em todos os momentos da vida, enquanto que a identidade é identificada como um estado, ou seja, possui uma fluidez em seu caráter, uma liquidez típica das identidades humanas pós-modernas. Não existe uma construção identitária sem uma procura pela memória e inversamente ocorre o mesmo.

A partir da noção de marcos sociais da memória, formulada por Halbwachs (2006), Candau (2012) explicita que não existe memória estritamente coletiva ou individual, os marcos sociais fazem parte da memória individual. Candau (2012) compreende a memória humana como uma faculdade individual, influenciada ou moldada por marcos sociais, porém isso não torna a memória coletiva.

Tendo em vista que a memória é o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, é inevitável a seletividade da memória, que não pode evocar todas as lembranças, mas opera uma seleção e faz emergir as imagens do passado que estão de acordo com as intenções atuais do sujeito, ou, como diz Candau, “a memória opera escolhas afetivas” (2012, p. 69). Assim, pode-se pensar, então, que a memória atua como um gerenciador do passado, vez que não traz à mente do sujeito uma cópia fiel dos acontecimentos vivenciados, não encena exatamente o que o sujeito viveu. A memória recupera o passado, mas o adapta ao presente para fazê-lo atuar neste momento.

Restituir a memória de um indivíduo é consolidar sua identidade, tanto individual como ser social. Isso seria como um trabalho de restituir e reapropriar seu passado para encontrar seu próprio “eu”. Como lembra Halbwachs (2006), as lembranças são reproduzidas de formas constantes em nossas vidas, quase ininterruptas, causando um efeito de constante construção identitária.

Já que a memória gera a identidade, na participação de sua construção, por outro lado, a identidade gera mecanismos que põe o indivíduo na participação de escolhas de lembranças, de momentos memorialísticos. Quando sua identidade está centrada, em um determinado momento, em algo em específico, logo, suas lembranças são voltadas para determinadas situações que contribuam para uma construção do “eu”.

A identidade, com a evolução social e tecnológica, assumiu uma nova configuração, um novo olhar. Para Hall (2006), a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade de classe) para uma política de diferença. Para o teórico, é mais adequado o termo identificação por este evidenciar a instabilidade das identidades. Assim, o fato de as identidades inserirem num processo traz à tona outro aspecto destacado que são a formação das identidades que por sua vez são construídas dentro do discurso.

Oliveira (2015), acrescenta que é preciso apreender que as construções de identidade são marcadas por especificidades e, desse modo, é necessário compreendê-las no interior de sua forma de produção, seja em locais históricos e institucionais definidos, seja em formações e práticas discursivas próprias, ou ainda, em estratégias particulares.

Além disso, Hall (2006) observa a memória como um instrumento que permite a atuação do passado no presente por meio das lembranças. Assim, independentemente da perspectiva coletiva ou individual, a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, como instrumento atuante na reconfiguração das identidades na medida em que permite que o sujeito se apodere de imagens do passado para consolidar uma nova posição identitária.

Apesar das colocações, Candau (2012) menciona a memória e a identidade como fenômenos distintos mas que contribuem para a ampliação de ambos. Contudo, o autor articula a ideia de que a memória é anterior a identidade, logo, esta primeira, torna-se uma faculdade da vida humana, pois está presente em todos os momentos da vida enquanto que a identidade é identificada como um estado, ou seja, possui uma fluidez em seu caráter, uma liquidez típica das identidades humanas pós-modernas. Não existe uma construção identitária sem uma procura pela memória e inversamente ocorre o mesmo.

Construção identitária pelas tessituras memorialísticas em *Limite Branco*: campo social

A conexão entre memória e identidade torna-se evidente no processo de rememoração. A obra em trabalho transfigura um processo memorialístico intenso partindo do protagonista

(Maurício) para dentro de alguns vieses de sua vida. As lembranças são retomadas desde espaços trazidos de sua infância (a fazenda) até sua relação com membros que compunham sua família. Nesta obra inaugural, Abreu (2014) retratou temáticas pertinentes ao seu tempo como a ditadura e as sexualidades transgressoras (homossexualidade), contudo, fica evidente no processo da leitura as marcas temporais trazidas pelo narrador além de como essas marcas ajudam na reflexão do sujeito que se pronuncia. Abreu (2014) configura sua obra a partir de dois espaços temporais narrativos, um espaço heterodiegético com um escopo linear de sua infância e adolescência e um espaço narrativo homodiegético em que é inserido dentro do romance a partir de momentos presentes, questionadores sobre quem ele tornou-se, nomeado como “diário”.

A narrativa apresenta um revezamento de narradores, que ora se apresenta em primeira pessoa, ora em terceira. A configuração da narrativa dentro da terceira pessoa mostra o distanciamento do narrador de seu “eu” para narrar os fatos acontecidos durante seu período infante e adolescência, ou seja, em uma maior clareza memorialística e aprofundamento dos fatos. Nas passagens figuradas em primeira pessoa, narradas dentro do diário de Maurício, mostra uma configuração de seu “eu” a partir de questionamentos e reflexões sobre o que o narrador havia se tornado ou poderia vir a tornar-se. As passagens abruptas do momento de rememoração para os relatos do diário expõe, gradativamente, como Maurício vem construindo sua subjetividade a partir de suas rememorações. As lembranças e as tessituras das memórias de Maurício participam da constante procura do narrador pelo seu “eu”. O núcleo sociais é o familiar, fator de maior reconhecimento nas passagens do romance, O campo espacial que o envolve também se configura como de igual importância. Sua relação com o primo Edu, de admiração e desejo, se projeta para a descrição do quarto do mesmo que, a partir, da visualização do espaço que o primo habita o faz refletir sobre a identidade transgressora de Edu e seu desejo para alcançá-la um dia

A família é o núcleo central da construção social de Maurício. Suas vivências enquanto sujeito ocorrem sobre o aparato de seus entes familiares. As figuras paternas e maternas não são apresentadas de forma representativas, tanto que tais personagens não possuem nome. O pai é demonstrado como a figura heteronormativa masculina em que o faz questionar sobre sua sexualidade, já a figura materna detém menor importância pois mesmo após sua morte, o narrador não demonstra emoção com o ocasionado, ao contrário de outros personagens como Edu e Luciana. A coesão de grupo, mencionada por Halbwachs (2006) em seus estudos sobre memória coletiva, torna-se perceptível dentro da narrativa nos momentos constantes de memória da infância, adolescência e vida adulta de Maurício. Segundo o autor “não há

lembranças que reapareçam sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo”, afirma Halbwachs (2006, p.42). O grupo familiar torna-se importante para a construção da subjetividade do narrador, pois se torna presente em cada momento de sua vida aferindo sentindo ao seu “eu”:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 2006, p. 51)

A memória não é algo estritamente individual, pois, segundo Halbwachs (2006, p. 36), “só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”. Assim, é importante afirmar que, assim como as identidades, a memória também tem um caráter social, pois ela não é apenas uma reprodução das experiências passadas, mas, uma forma passível de se concretizar a partir delas no presente. Maurício afere maior atenção ao grupo familiar, pois é que se faz presente a todo momento da narrativa, inclinando seu “eu” a ser moldado a partir de princípios que tendem ir contra o modelo familiar tradicional. O narrador encontra em seu primo Edu uma tentativa de quebrar os moldes conservadores de seu grupo e aferir uma nova forma de ver o mundo:

- Não é não. Ainda não. Por enquanto, pelo menos, tu és o único que tem possibilidades.

- O que é possibilidades?

- É... é assim uma coisa que pode ou que não pode ser. Mas é quase certo que pode.

- E o que é que eu posso fazer para não ser como os outros?

- Não querer ser – disse Eduardo – Não querer nunca ser. Não deixar que pensem por ti. Que te ponham rédeas como se fosses um cavalo. (ABREU, 2014, p. 43)

O ideal lançado pelo primo tornou-se meta para Maurício. Durante o romance, o narrador observa as figuras familiares com determinada afeição, exceto aquelas que representam o tradicionalismo familiar. A figura da avó e do pai é colocada como “a velha” e o “macho tosco”, respectivamente. Uma lembrança da fazenda o trouxe de volta ao seio familiar

tradicionalista. O quadro que fica exposto na fazenda, no qual o encara com julgamentos, figura a tradição em contraponto a transgressão:

Mostrou-me o que está pintado atualmente: um rosto muito vago, cheio de sombras acinzentadas por trás, onde se destaca, mais nítido, um cavalo branco. Me senti estranhamente preso ao quadro, mas na hora não compreendi o porquê. Mais tarde lembrei – em nossa casa antiga, no interior, havia na sala o retrato de um parente morto, que me causava a mesma impressão estranha. Havia também um outro quadro, este no quarto de Edu. Três quadros, estranho. Mas não é rara a sensação de já ter visto uma coisa da qual estou na frente pela primeira vez. [...] A resposta nunca vem, e eu fico pensando se não será uma espécie de aviso, de revelação. Depois acho graça, esqueço. Mas há certos momentos brancos, quando caio dentro de mim mesmo e tudo se torna brilhante, claro demais, e por isso mesmo ofusca e eu não posso ver o que há ao redor (ABREU, 2014, p. 90)

A imagem do quadro o faz rememorar o grupo no qual, durante toda a narração, esteve inserido. Além disso, trouxe o contraponto existente entre a figura tradicional familiar que tentou a todo o momento moldá-lo, mas que foi repellido pela projeção de tornar-se subjetivamente transgressor, tentando impor uma identidade diferente daquele grupo. Uma identidade, um “eu” mais próximo de seu primo Edu, sua projeção de figura a ser alcançado, sempre presente em suas lembranças como símbolo ideal de uma identidade desviada do grupo familiar.

Apesar de uma tentativa de alcançar um “eu” avesso ao de seu grupo, Maurício, encontra-se em uma busca para, mesmo no presente, tentar encontrar sua identidade e o que ele tornou-se depois de todas suas experiências:

Hoje aconteceu uma coisa engraçada, que atestou mais uma vez a minha incoerência comigo mesmo. Vivo imaginando que de repente vão aparecer fadas ou gênios na minha frente para perguntar o que eu desejo. Hoje pensei sério: se me perguntasse o que eu mais desejo na vida, não saberia responder. Quero tudo. Mas esse ‘tudo’ é tão grande, tão vago, que me sinto estonteado. É preciso ir limitando meu sonho, apagando as linhas supérfluas, corrigindo as arestas, até restar somente o centro, o âmago, a essência. Mas qual será o centro meu Deus, que não encontro? (ABREU, 2014, p. 91)

O narrador, nesta passagem, explana uma identidade de difícil acesso, que não seria fácil de ser explicada e nem palpável. Maurício tenta se encontrar enquanto “eu”, tenta viver com essa “incoerência” que tornou essa identidade fluida, não transfigurada. Mesmo após suas lembranças com seu grupo e sua tentativa de diferenciar-se enquanto membro do mesmo não

foi suficiente para encontrar-se enquanto sujeito, pois tudo, apesar das memórias e do vivido, é tão “vago”, possui “linhas supérfluas” que o âmago identitário torna-se não identificável.

Bauman (2005) explica tal acontecimento colocando a identidade enquanto questão fluída e de difícil centralização do sujeito. A identidade não pode ser colocada como algo estático e não passível de mudanças, contudo, deve ser observada como figurada ao instável e descentralizado:

Tornamo-nos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastantes negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p. 17)

De acordo com o sociólogo, a identidade corre por fluidez e não por um caráter de estabilidade. Portanto, os questionamentos engajados por Maurício colocam em dúvida e estaticidade de sua identidade e um possível despertar para uma nova forma de olhar o seu “Eu”.

Além dos questionamentos, outro ponto que serve para a construção identitária são os espaços narrativos. Os espaços figurados na obra servem como alicerce para o narrador construir seu “eu”. A fazenda, espaço em que se insere no início da narrativa, assim como o apartamento que o personagem se encontra em sua adolescência e vida adulta, trazem memórias que Maurício ajudou a construir-se enquanto sujeito. A primeira casa nos ajuda a entender as primeiras lembranças do protagonista na tentativa de construir sua identidade. Diz Bachelard (1993) que o espaço da primeira infância é um campo de forças acolhedoras. Acrescenta o filósofo:

Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo. Por que a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. (BACHELARD, 1993, p. 24)

Os primeiros relatos de Maurício vêm do espaço da fazenda, local onde cresceu com sua família. O local onde possui cheiro e uma visão enraizada do seu primeiro mundo, em um

processo de personificação do espaço. A saudosidade do narrador com relação ao espaço clareia a ideia do espaço como formador identitário:

A fazenda. Muitas vezes me dá uma grande saudade daquilo, daquele tempo, de Edu, que só nas férias vinha da faculdade de direito, de vovó com seus álbuns de fotografia, tia Violeta com os seus moranginhos, Luciana com suas histórias. Principalmente, saudade daquilo que fui e, sei, não sou mais e nunca mais voltarei a ser. Mas logo afastos essas coisas da cabeça. Só trazem tristeza, reavivam coisas que eu não queria mais sentir. Essas lembranças passam pela cabeça sem se deter. São humildes, parecem esperar um aceno para caírem sobre mim. Quase nunca faço esse aceno, elas desaparecem, deixando um gosto e um cheiro muito leve de poeiras, armário aberto depois de muito tempo, lençol limpo, café preto com broa de milho. Gosto de tempo, elas deixam. (ABREU, 2014, p.48)

A passagem afirma a ideia de memória como um *flash* involuntário, no qual é demandada a partir de um acontecimento. Além do mais, tal passagem tonifica que o espaço em trabalho, a fazenda, está sendo paralelamente atrelada aos membros de sua família, pois rememorar tal espaço significa rememorar personagens presentes na fazenda e tudo o que os mesmo representam para Maurício. Além disso, o espaço constrói lembranças que faz o narrador refletir sobre quem ele era e o que ele tornou-se, sobre sua subjetividade e como ela não foi moldada por completo.

A personagem Luciana simboliza o que tinha de mais terno e amoroso dentro de suas lembranças da infância, levando o narrador as imagens mais gentis e saudosistas no romance. A morte de Luciana significou algo contundente a Maurício, pois o fez refletir sobre o que seria de sua vida daquele momento em diante, o fez pensar sobre si. O suicídio da personagem trouxe as palavras “nunca” e “sempre” para dentro da vivência do narrador moldando-o naquele momento e o fazendo descobrir o limite branco dentro da narrativa, pois “ele imaginava uma coisa muito grande e branca, que a gente olhava de baixo para cima, sem conseguir ver onde terminava. Luciana ia ficar para sempre na parede branca, para nunca mais voltar.” (ABREU, 2014, p. 55)

Luciana o fez questionar o que ele seria a partir daquele momento, fazendo-o entender sobre determinados momentos de sua vida que o fez amadurecer enquanto sujeito. A personagem moldou Maurício em seu “eu”, pois o narrador possuía determinada afeição pela mesma:

Reclamando rindo, as mãos ajeitando as cobertas em volta do corpo do menino. Que cheiro bom tinha Luciana quando se curvava para ele. Maurício fechava os olhos, aspirava fundo: parecia o cheiro da fazenda. Depois abria os

olhos, ficava vendo os movimentos dela. Como Luciana era grande, como Luciana era boa, como Luciana era bonita, como... (ABREU, 2014, p. 57)

A personificação da fazenda na imagem de Luciana ou a rememoração do espaço, juntamente com seu ciclo social, mostra o lugar como um personagem da trama, que possui características e importância no desenrolar do enredo assim como ajuda no processo de reflexão do personagem central, ou seja, o inclui no processo de descoberta enquanto sujeito.

O espaço o julga por imagens, revivendo os valores antigos e os valores que ele carrega hoje. O espaço o faz refletir sobre o que Maurício foi e o que ele tornou-se, sobre sua identidade. O espaço o traz memórias de afeição, de personificação, e de entendimento de quem se é:

Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua. O arranjo da sala, cujas cadeiras preparam o círculo das conversas antigas, como a cama prepara o descanso e a mesa de cabeceira os derradeiros instantes dos dias, o ritual antes do sono.

A ordem desse espaço nos une e nos separa da sociedade e é um elo familiar com o passado.” (BOSI, 2003, p. 26)

A autora escreve sobre os espaços como parte integrante da formação do sujeito. O espaço da fazenda dentro do romance poderia ser colocado como um objeto biográfico, nos quais são aqueles que se configuram com uma sensação estética e nos posicionam enquanto sujeito no mundo. A fazenda configura momentos da coesão do grupo familiar e de memórias de espaços que ajudaram Maurício em seu trajeto para suas indagações pelo seu “eu”.

Abreu (2014) utiliza-se dos espaços e do grupo familiar para engajar Maurício em sua construção memorialística e na busca pelo seu “Eu”. Contudo, o que *Limite Branco* consegue trazer aos seus leitores é que essa identidade almejada e os questionamentos colocados pelo narrador-personagem não será encontrada, pois as “identidades” não foram feitas para responder questionamentos, mas para criar mais e mais.

Considerações finais

Em *Limite branco*, o narrador encontra-se em busca de uma autodescoberta, em um processo de encontro e construção de uma identidade, com isso, ele se utiliza do processo memorialístico para se redescobrir. O questionamento sobre quem ele tornou-se e como ele era,

foram galgados a partir do apoio no seu o campo sócia, envolvendo o espaço familiar. Apoiando-se nele, o protagonista vai, gradativamente, colhendo as respostas que busca para si.

O romance demonstra como a identidade, em seu processo de construção, utiliza-se do campo memorialístico e todos os mecanismos presentes nas lembranças do narrador. O campo familiar e o espaço de interação do grupo formam os principais meios utilizados pelo protagonista para formar suas tessituras memorialísticas. Através do espaço e da família, o protagonista rememora suas vivências e questiona-se sobre o que tornou-se, fomentando sua construção identitária.

Identidade essa que se constrói meio a questionamentos sobre o que ele era e o que tornou-se. Tal posição do narrador fomenta a ideia da identidade enquanto dispositivo fluido e não pautado na estabilidade. O narrador-personagem indaga-se em alguns momentos da obra com o intuito de se encontrar enquanto “Eu” e utiliza da memória como meio para a descoberta desse sujeito confuso e em construção.

Em resumo, *Limite Branco* alimenta os estudos memorialísticos que reverberam a ideia da identidade como um processo de construção das memórias dos sujeitos. Contudo, o romance demonstra que mesmo as lembranças galgando a construção de uma identidade, o indivíduo encontra-se em um constante processo de questionamentos, indagando-se sobre o que tornou-se, mostrando que o que a memória trouxe foi um identidade fluída e cheia de questionamentos.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Caio Fernando. *Limite Branco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOSI, ECLÉA. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Tradução.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HALLBAWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- OLIVEIRA, Denise da Silva. *O papel da memória na formação da identidade cultural: diálogos entre possibilidades de leitura*. Londrina, 2015.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em maio de 2018.